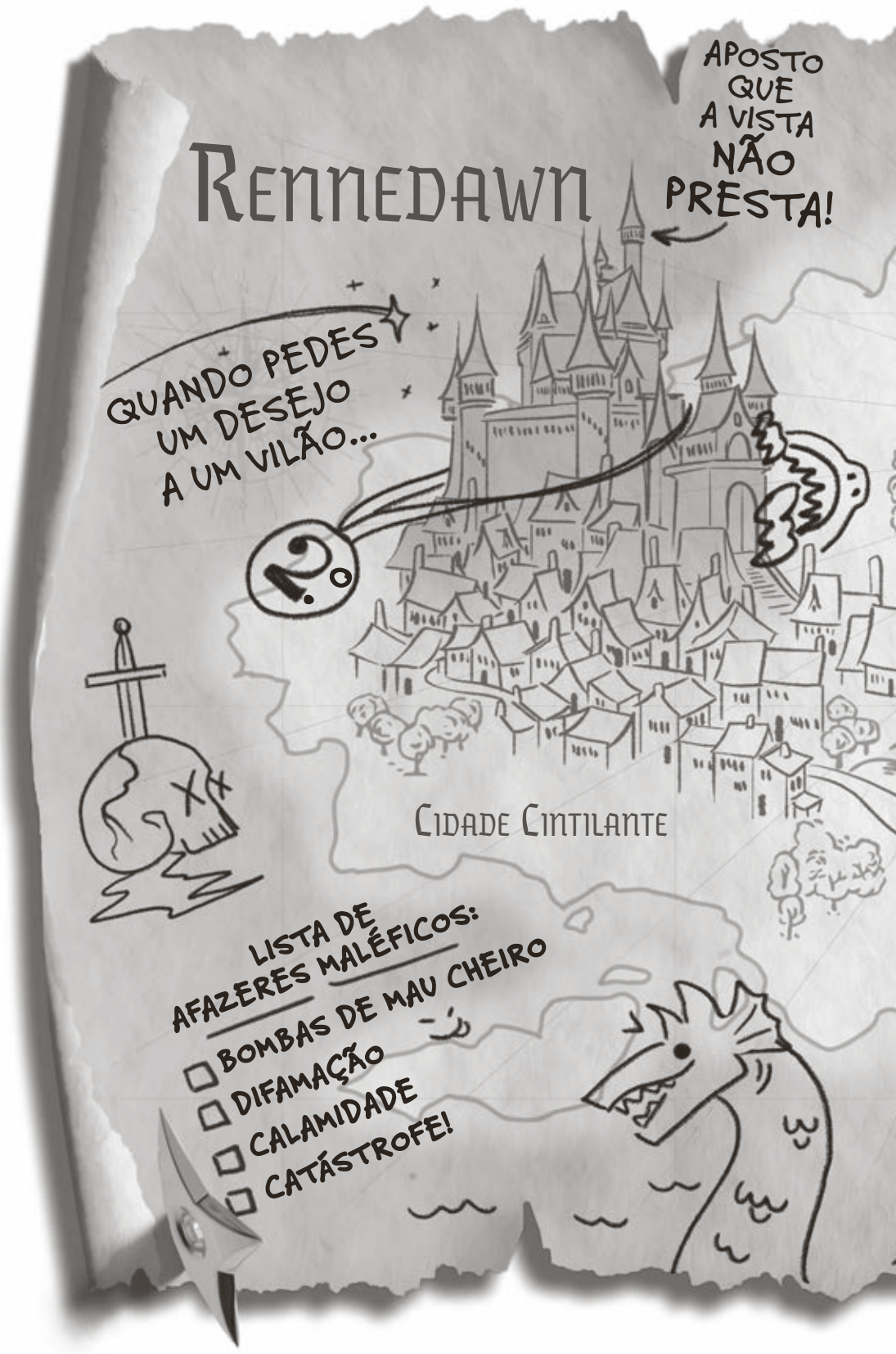

TUDO O QUE POSSAS FAZER, EU FAÇO DE MODO MALÉFICO.
ARRASOU!
ERVA-MOURA
MATA-LOBOS
ADVERSÁRIA DO VILÃO
INBOX DO BEM
OUTBOX DO MAL
COM O CALDEIRÃO A AQUECER HÁ TUDO A TEMER
ESCREVE O TEU HISTORIAL DE VILÃO
HANNAH NICOLE MAEHRER
TOP SEL LER

Ao meu marido, Michael,
por provar que o amor no mundo real também pode ser mágico.

E a todos vós, é assim que imagino a adversária
de um vilão de fantasia moralmente ambíguo.


RENNEDAWN
APOSTO QUE A VISTA NÃO PRESTA!
QUANDO PEDES UM DESEJO A UM VILÃO...
?
CIDADE CINTILANTE
LISTA DE AFAZERES MALÉFICOS:
BOMBAS DE MAU CHEIRO
DIFAMAÇÃO
CALAMIDADE
CATÁSTROFE!


VALIMAL!
$$$
POÇO DOS DESEJOS
ALGURES POR AQUI?
FLORESTA DAS NOGUEIRAS
CAMPO DE DENTES-DE-LEÃO
ALDEIA DO CORAÇÃO
JARDINS DE RENNEDAWN
MAR LILÁS

Adversária do Vilão é um romance de fantasia hilariante, com línguas cortadas devidamente arquivadas em relatórios pós-tortura e reuniões profundamente inúteis que poderiam ter sido um corvo. Além disso, a história inclui elementos que podem não ser adequados para todos os leitores. Sangue, morte, batalhas, lesões graves, discussões sobre tortura, situações sexuais descritas explicitamente, traição e abandono parental, linguagem gráfica, deterioração ambiental, discussões sobre ser cozido vivo e comido, discussões sobre assédio, consumo de álcool, quase afogamento e a morte de um animal são apresentados ao longo das páginas. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos devem ter isso em atenção.



PRÓLOGO

Era uma vez...

Não era frequente alguém dar por si a *temer* o fim da semana de trabalho, o último dia extenuante antes do bem-vindo descanso do fim de semana. No entanto, também não era frequente um escritório ser gerido pelo vilão mais famigerado do reino...

E esse vilão *detestava* o fim da semana.

Trystan Maverine não tinha a certeza do que estava na origem daquela ira tão rápida e eficiente. Talvez fosse o silêncio doloroso que o acordava com o sol da manhã de sábado. Ou a forma como começara a evitar ativamente a cozinha e os aposentos de Tatianna, por medo de que a sua antiga vida se misturasse com a nova, a única que conheceria até ao dia da sua inevitável morte. Poderia ser o facto de, com os dias de folga dos seus funcionários, não conseguir exercer o propósito da sua nova vida: o mal. Mas, ultimamente, o que começara a odiar mais era a ausência... a ausência dela.

Não tinham passado mais de quatro semanas desde que Evie Sage estava ao seu serviço. Seria possível ter passado apenas um mês? Pareciam anos. Anos desgastantes, confusos e ligeiramente agoniantes. Contudo, nesse espaço de tempo, a sua assistente provara ter um talento surpreendente para satisfazer todos os seus caprichos perversos, adaptando-se aos seus modos maléficos com um sorriso tão grande e brilhante que era um milagre ainda não lhe ter partido o rosto ao meio.

Era como se tivesse partido o dele.

Uma gargalhada melódica infiltrou-se pela fresta da porta aberta do seu gabinete. Sabia quem era a responsável, mas como poderia não saber? Se o som propriamente dito não a denunciasse, *o ato* de rir fá-lo-ia. Ninguém se atrevera a rir no escritório do Vilão antes dela, pelo menos não num volume tal que chegasse aos seus ouvidos.

E isso foi o suficiente — neste último e sombrio dia da semana de trabalho — para o empurrar para o limite da tirania.

— Sage! — trovejou ele, escancarando a porta com estrondo.

O riso cessou, *graças aos deuses*, mas quando a sua assistente se virou para ele, o sorriso permaneceu, fazendo-o sentir-se um pouco como se ela o tivesse atingido na cabeça com ele. Seria por isso que se sentia tão tonto? Pigarreou, esperando que ela não reparasse na forma como quase tropeçara ao vê-la, apenas para perceber que Sage estava sozinha. O que a fizera rir assim? Foi então que viu os papéis nas mãos dela.

— Estás a catalogar a minha sessão de tortura desta manhã, correto?

Ela assentiu vigorosamente, com alguns caracóis que se tinham soltado dos ganchos a saltitar ao mesmo ritmo que a cabeça.

— Sim, claro, senhor. Estará pronto em apenas alguns minutos!

— É aquela em que corto a língua de um homem e o obrigo a engoli-la?

Ela pestanejou.

— Sim, senhor. Houve algum outro incidente que deseje que eu registe do mesmo... — fez uma pausa, franzindo o nariz enquanto refletia — género?

Se ele alguma vez, em algum momento, se dignasse a bufar, teria sido naquele preciso instante.

— Não, Sage. — Ele fez uma pausa e continuou. — Embora admita estar curioso sobre o que consideras tão divertido nessa tarefa.

As bochechas dela ficaram tão rosadas que ele quase conseguia sentir o calor da sua pele de onde estava... a uma distância segura.

— Oh, bem. É uma parvoíce.

Ele pôs-se a fitá-la.

Ela começou a mexer na trança, enrolando a ponta no dedo.

— Não a tortura em si, claro! Isso não tem nada de parvo. Estava a escrever os detalhes sem pensar, e quando olhei para baixo, percebi

que tinha escrito que o homem tinha ficado... com um nó na língua... — Deixou escapar outra risadinha fortuita, e tapou a boca com a mão.

Ele voltou a olhar fixamente; desta vez, os seus lábios entreabriram-se num suspiro de incredulidade.

— Um nó... na língua?

— Sabe, a expressão de quando não conseguimos pensar no que dizer e a língua se enrola? E depois ri-me porque este homem não ia dizer *nada* porque... o senhor, bem... matou-o — terminou ela, parecendo envergonhada, embora continuasse a bombardeá-lo com aquele sorriso rasgado.

Ele sentiu os cantos da sua própria boca a curvarem-se para cima tão abruptamente que teve de se virar.

— Peço desculpa, senhor. Não tive intenção de o ofender com as minhas reflexões.

— Não ofendeste — respondeu ele com crueza, odiando que ela tivesse tal efeito sobre ele.

Felizmente, havia poucas testemunhas. Apenas um par de funcionários andava por ali, todos parecendo estar a recolher as suas coisas. Incluindo Rebecka Erring, que os observava com olhos que notavam muito mais do que era confortável.

— Alguma vez fica com um nó na língua, senhor?

A pergunta inesperada arrancou-o dos confins da sua mente, deixando-o à deriva, pois não se recordava da última vez que alguém lhe tinha perguntado algo de natureza pessoal. Mais ainda quando percebeu que a pergunta estava completamente isenta de qualquer vestígio de medo. Não, havia apenas curiosidade nos olhos azuis que pestanejavam para ele.

— O que é que achas, Sage? — perguntou ele arrastadamente, enterrando a ânsia pela resposta dela tão fundo no solo que seria necessário partir a terra ao meio para a descobrir.

Ela observou-o, e ele resistiu ao impulso de endireitar os ombros, perguntando-se o que seria que ela via.

— Não tenho a certeza — respondeu ela, finalmente. — Para ser honesta, *eu* nunca tive um nó na língua num único dia da minha vida, mas acho que isso se deve ao facto de falar antes de o meu cérebro acompanhar a minha boca.

Ele passara a conhecer esse detalhe sobre ela. Tinha-se tornado, à sua maneira repugnante, algo cativante, se é que algo o poderia ser para um homem nascido para o mal. Mas a sua falta de fingimento era refrescante... e tão inocente que frequentemente se perguntava como é que ela tinha chegado tão longe na vida sem um desastre.

Além de trabalhar para ele.

— Tu és, no mínimo, involuntariamente honesta, Sage — disse ele, impassível.

Ela esboçou um sorriso radioso, como se ele tivesse acabado de dizer que o cabelo dela era feito de ouro e os seus olhos cravejados de diamantes.

— É muito gentil da sua parte dizer isso.

Algures, em algum lugar, uma fada acabou de perder as asas, pensou ele sarcasticamente. Apertando o nariz, soltou um suspiro.

— Não foi essa a intenção.

A gratidão dela bem poderia ter sido um rochedo, tal a força com que atingiu o peito dele. Geralmente, detestava qualquer forma de alegria, mas aquele era um sentimento inteiramente novo; a presença dela deixava-o num estado constante de mal-estar no estômago. Perguntou-se quão gentil ela o acharia se ele a comparasse a uma intoxicação alimentar.

— Conclui o teu dia de trabalho e depois vai-te embora. — Dispensou-a antes de fazer algo sem sentido, como comparar o efeito dela a peixe estragado. O que teria sido tão desonesto quanto ridículo, porque o raio da mulher parecia cheirar sempre aos rebuçados de baunilha que comia diariamente, ou, suspeitava ele, de hora a hora.

Girando sobre os calcanhares, baniu-a da sua vista, esperando que os dois dias de folga lhe dessem, pelo menos, tempo para apagar da memória esta terrível interação.

Mas então ela levantou-se da cadeira, raspando-a contra o chão de pedra enquanto o chamava.

— Senhor? Antes de eu ir... posso perguntar: qual é a política do escritório sobre confraternização romântica?

Esqueçam.

A interação estava, naquele momento, a ser gravada a fogo no seu cérebro.

Lentamente, voltou-se.

— No meu gabinete — respondeu ele, friamente. — Agora.

Ela apressou-se a segui-lo, caminhando rapidamente atrás dele pela porta do gabinete, agarrando na cadeira que habitualmente ocupava no canto, a mesma cadeira que se tornara o centro da guerra diária não declarada deles. O primeiro grito de guerra fora ele a empurrar o assento dela para o mais longe possível da sua secretária, seguido por ela ignorar totalmente essa ação e aproximá-lo.

Desde então, tornara-se uma espécie de ritual entre os dois e, apesar de isso o irritar, ele nunca lhe dissera para parar. Limitava-se a observar, de rosto impassível, sem a ajudar quando a cadeira ficava inevitavelmente presa no ladrilho irregular do chão. Em vez disso, encontrava um divertimento doentio ao vê-la tropeçar para endireitar a cadeira, deliciando-se com o seu adorável e pequeno franzir de sobrolho perante a traição da mobília.

Ele devia mandar arranjar o ladrilho do chão.

Não o faria.

Mas provavelmente devia.

Quando ela se sentou, ele moveu-se lentamente para ocupar a sua própria cadeira. O nervosismo dela era palpável. Ele tentou desfrutar disso.

— Por que razão — disse ele pausadamente, com as mãos cruzadas sobre a sua elegante secretária preta, projetando os ombros para trás —, diz-me lá, é que me estás a perguntar sobre confraternização no escritório?

Ela não parecia ter ficado intimidada, se bem que, por outro lado, nunca ficara, em nenhuma das vezes em que ele o tentara. Era um mistério por que razão ele continuava a fazê-lo, quando se tornava claro que ela gostava. Era outro mistério, pelas terras mortas, por que razão ele se importava se ela queria *confraternizar* com colegas.

Romanticamente.

Sem pressentir a raiva que fervilhava dentro dele, ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, encolhendo os lábios e apertando as mãos.

— Um dos funcionários da contabilidade insinuou que estaria... hum... disposto a aprofundar o nosso conhecimento fora do ambiente

de trabalho neste fim de semana. Eu disse-lhe que tinha de ver se isso quebrava alguma regra.

De facto, *algo* iria quebrar, mas seria provavelmente o corpo do maldito cromo da matemática que a tinha convidado, para começar.

Isto era um local de trabalho. Não um serviço de encontros.

Kingsley saltou para cima da secretária, segurando uma placa como se tivesse sido capaz de ler os pensamentos de Trystan.

UI

Trystan agarrou na placa e atirou-a sem cerimónias pela janela aberta.

Sage pestanejou para ele e depois sorriu para Kingsley, que se aninhou na palma da mão dela.

— O que queres dizer com «aprofundar o vosso conhecimento»? — perguntou, inexpressivo, embora sob a superfície o seu coração começasse a acelerar como se estivesse a ser perseguido, neste caso, por uma emoção humana básica.

— Um encontro — explicou ela, olhando para ele com a preocupação que se teria por um idoso que voltou a perder as chaves de casa. Suspirando, ela gesticulou para si mesma. — Admito que me apanhou desprevenida, porque assumi que todos no escritório me achavam estranha.

— Tu és estranha — respondeu ele imediatamente... resistindo ao impulso de bater com a testa na madeira lisa da secretária.

— Obrigada por confirmar — disse ela com um sorriso e um aceno de mão, com um sarcasmo bem-humorado a escorrer-lhe das palavras.

Ela era, de facto, estranha, mas decerto nenhuma pessoa normal conseguiria admirá-la sem perceber que estava perante um ser totalmente extraordinário, uma raridade. Alguém que não estremecia perante relatos de línguas engolidas e até encontrava motivos para se rir deles; alguém que parecia nunca ficar sem comentários bizarros para fazer quando as coisas se tornavam discordantes, como ela devia acreditar que estavam agora.

Sage começou num falatório incessante, até que as suas palavras ecoaram em torno dele da forma mais terrível possível.

— A última vez que alguém me cortejou foi um desastre — explicou ela, com o olhar perdido noutro lugar. — Éramos completamente

incompatíveis... quer dizer, não fisicamente, embora fisicamente também não tenha sido fantástico. — Ela tapou a boca com a mão. — Provavelmente não queria saber essa parte. — As palavras saíram abafadas, mas ela parecia mortificada.

Não, ele *não* queria saber, porque a simples menção forçava-o a pensar na sua assistente numa vertente física. O que não alterou a calma da sua expressão, mas, se os olhos dela se aventurassem mais para baixo, encontrariam as suas mãos a agarrar a secretária com uma força tal que lhe deixava os nós dos dedos brancos.

Ele devia dizer-lhe para aceitar. Com sorte, ela apaixonar-se-ia perdidamente por um dos seus funcionários e deixá-lo-ia em paz para sempre.

Ignoremos o facto de a ideia o deixar doente.

Talvez *tivesse mesmo* comido peixe estragado. E o veneno estivesse a contaminar-lhe o sangue, enlouquecendo-o.

— Não há confraternização no escritório. Estritamente proibido — ouviu-se dizer e, de repente, compreendeu a aflição de Sage de ter a boca a avançar mais depressa do que o cérebro. — No entanto — acrescentou, tentando controlar-se —, se for uma pessoa que queiras muito ver, apesar da política do escritório... — Engoliu as palavras como quem engole uma faca de carniceiro. — Podemos discutir com a menina Erring uma potencial exceção.

Ela abanou as mãos de um lado para o outro, negando com a cabeça. Ele nunca tinha sido, nem seria, um especialista em emoções humanas, mas jurava que os ombros dela tinham caído de alívio em vez de deceção.

— Não, não, não é necessário! Obrigada pela sugestão, mas devo admitir que o «não» era a resposta que eu esperava — disse ela, suspirando e levando a mão ao peito. Ele ergueu uma sobrancelha, esperando pacientemente que ela continuasse, perguntando-se como se tinha perdido tão rapidamente.

— Ele convidou-me *à frente de todos*, ao almoço — explicou ela calmamente. — Eu não queria propriamente aceitar, mas também não o queria envergonhar, por isso disse-lhe que tinha de o consultar primeiro.

O homem fez o convite à frente de um grupo de pessoas? Nem Trystan era socialmente tão inepto ao ponto de deixar uma mulher

assim tão desconfortável, especialmente alguém que vivia para agradar aos outros. Parecia um abuso.

A raiva subiu nele novamente, desta vez num grau alarmante.

Desde quando é que acho a minha raiva alarmante?

— Não hesites em dizer-lhe que, se voltar a convidar-te, haverá consequências — respondeu Trystan com uma calma fria que fez até Kingsley estremecer.

Um lampejo de vulnerabilidade cruzou o rosto de Sage.

— Obrigada, senhor. É um alívio. — Os olhos dela suavizaram-se. — Embora suponha que será mais um alívio quando eu lhe disser. Espero que ele não fique muito ofendido.

A ideia de ela ser maltratada de alguma forma, especialmente por alguém ao seu serviço, era-lhe tão insuportável que se levantou da cadeira.

— Eu posso despachá-lo por ti, se isso ajudar a tua causa.

Despachá-lo com palavras. Despachá-lo de vez. Qualquer uma das opções servia.

— Oh, não faz mal. — Ela riu-se e soltou o fôlego que contivera. — Sinto-me um bocado cobarde, honestamente. Devia ter dito que não assim que ele fez o convite.

Era absurdo. Não havia nada nesta mulher que se assemelhasse remotamente a cobardia, apesar dos esforços dele para a evocar.

— Porque não disseste? — perguntou ele.

— Bem... — Ela fez uma pausa, parecendo refletir nas palavras antes de as dizer. — Acho que é bastante difícil dizer não a alguém quando não sabemos como a pessoa vai reagir.

Todos os músculos do corpo dele ficaram tensos.

— Tinhas medo de que ele te magoasse? Se dissesses que não?

A pergunta era perigosa, mas, mal a fez, o sol poente entrou pela janela aberta, brilhando exatamente onde ela estava sentada, como se também ele implorasse por uma mudança de assunto. A luz filtrada sobre o seu cabelo escuro transformou o azul dos seus olhos de suave em penetrante.

Todos os pensamentos que ele alguma vez tivera extinguiram-se no espaço de um segundo.

Ela não respondeu à pergunta, limitou-se a sorrir, semicerrando ligeiramente os olhos.

— Parece que a luz do sol se quis juntar à nossa conversa para tornar tudo um bocado mais feliz.

Mais feliz? Não. Mais seguro do que a escuridão, mais fácil de suportar, talvez, mas ao vê-la a deleitar-se com aquilo... pensou que o que sentia no peito era o mais próximo da felicidade que tinha sentido em muito, muito tempo.

Com uma mão sobre os olhos, Sage inclinou a cabeça.

— Porque é que a sua janela parece ser uma das poucas que não tem um belo vitral?

— Porque retratava uma cena demasiado alegre para o meu gosto — murmurou ele, lembrando-se do dia em que tinha desmontado aquela janela peça por peça, ordenando aos seus guardas que as entregassem à pessoa que mais o tinha traído.

Sage animou-se.

— Oh? De que tipo?

Com uma sobrancelha arqueada, ele olhou severamente para a janela.

— Eram dois amantes num campo de flores. A esticarem-se um para o outro, mas sem nunca se tocarem.

Os lábios dela curvaram-se.

— Achava isso *alegre*?

— Achava irritante e feio de se ver — bufou. O sol continuava a incidir sobre ela, com aparente vingança, deixando-a totalmente a brilhar. Se ao menos ela também fosse... bem, irritante e feia de se ver.

Mas, infelizmente, ela era adorável.

Adorável?

Maldição.

Ele pigarreou e voltou a centrar a conversa no assunto em questão.

— Fica descansada, Sage, todos os funcionários serão relembrados da nossa estrita política de não-confraternização. Vou pedir à Keeley que te acompanhe a casa. Aproveita o teu fim de semana.

Claramente confusa com a dispensa abrupta, ela levantou-se e assentiu, com os olhos redondos e inquisidores enquanto se afastava da luz do sol que agora parecia mais baça sem ela. Ele estava mesmo a tornar-se um maldito idiota.

— Obrigada, senhor. Espero que também tenha algum tempo de descanso.

Pouco provável.

— Fora daqui, Sage, antes que eu revogue a minha generosidade e te ponha a limpar o chão da câmara de tortura.

A forma como o rosto dela se contorceu foi quase cómica... se ele achasse as coisas cómicas, o que não acontecia. O que era mais uma prova de quão ridícula era aquela cara.

— Credo. — Ela fez uma careta. — Senhor, peço-lhe que da próxima vez use a lona que eu encomendei.

— Vai — ordenou ele.

E ela foi, deixando atrás de si o seu aroma de baunilha para o torturar. Ele fechou os olhos, inspirando-o, odiando a forma como o acalmava.

Ele fez menção de mover a cadeira dela de volta para o canto para se recompor, para recuperar o seu fio de controlo, mas depois lembrou-se de como a luz tinha tocado o rosto dela quando estava sentada naquele exato local. Ficou a olhar para ali por momentos, a refletir.

Depois, deixou a cadeira onde estava.

A batalha não declarada entre eles tinha chegado ao fim.

E era claro quem tinha agitado a bandeira branca.

Caminhando decididamente para o escritório principal, viu Rebecka Erring a arrumar as últimas coisas. Quando se aproximou, ela endireitou-se.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa antes de sair, senhor?

— Qual é a nossa política sobre confraternização no escritório?

Os olhos de mocho da mulher arregalaram-se por trás do aro dos óculos.

— Não temos nenhuma. Contra o meu conselho, devo acrescentar, mas os funcionários não costumam socializar no escritório sem a sua permissão.

— Eu não dou permissão — corrigiu ele.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Precisamente.

— Garante que tenhamos uma em vigor e que quem a quebrar o faça por sua conta e risco.

— Risco no sentido de despedimento?

— De certa forma — respondeu ele secamente.

A menina Erring não hesitou.

— Farei questão de que os outros funcionários saibam disso, senhor. E garantirei que o Thomas não volta a convidar a menina Sage para um envolvimento romântico.

Thomas? Foi o Thomas? Aquele ratinho magricela do...

— A menina sabia disto? — acusou ele.

— Os comentários que ele lhe fez foram tão inadequados que toda a gente ouviu — respondeu a menina Erring sarcasticamente, cruzando os braços. — Se ele tivesse falado comigo daquela maneira, eu tinha-lhe trespassado o coração com o meu abre-cartas favorito.

Três coisas lhe ocorreram ao mesmo tempo. A primeira era que Sage tinha minimizado o encontro; a segunda, que a menina Erring era muito mais implacável do que ele tinha imaginado; e a última... Bem.

Pela primeira vez, estava ansioso pelo início do fim de semana.

Saiu disparado da sala, ouvindo a voz da menina Erring a questionar atrás de si:

— Onde é que vai?

Ele deixou o seu poder fervilhar ao seu redor em ondas escuras, com a voz reduzida a um sussurro no silêncio do escritório agora vazio.

— Estender a lona.

Era um erro, em qualquer circunstância, fazer do Vilão um adversário.



CAPÍTULO 1

EVIE

Evie Sage apontou a adaga à garganta de Trystan Maverine.

— Não me deixes em suspense, Evangelina.

Era espantoso que aquele momento ainda a conseguisse chocar. Não quando, na noite anterior, a sua identidade lhe tinha sido arrancada e substituída por uma nova. Ela deveria estar chocada era com as ações dos pais, os cérebros por trás da sua história de origem como vilã.

Ou melhor, da sua ausência.

O seu destino fora traçado. A profecia do livro de histórias de Rennedawn tinha-lhe atribuído o papel, e os pais tinham usado magia e manipulação... para o passar a outra pessoa.

Precisamente a pessoa que se pressionava contra a sua lâmina.

Respirando pesadamente no escritório escurecido nas profundezas da Mansão do Massacre, Evie permitiu que os olhos se abrissem lentamente e encontrassem Trystan no meio do seu torpor provocado pelo sonho. A voz grave dele ecoou na penumbra de uma sala onde ela nunca tinha estado, e onde apenas entrara por engano momentos antes.

— Será mais rápido se atingires a artéria.

Ele agarrou-lhe no pulso e puxou-a para mais perto, segurando a mão dela com mais firmeza contra a pele do seu pescoço.

Com o coração aos saltos, ela engoliu em seco, observando os olhos escuros dele à luz ténue das velas e ao brilho do amanhecer, enquanto eles se fixavam nos lábios dela. Uma mão grande agarrou-lhe o pulso

com força, sem qualquer intenção aparente de a soltar, e a outra agarrou-lhe a anca, puxando-a para si o suficiente para que ela pudesse ver o sorriso que se desenhava nos lábios dele.

— Isso não tem graça — murmurou ela com indignação, esperando que ele não ouvisse o desejo na sua voz, a necessidade inegável de se desmoronar nos braços dele como a bela princesa de um dos seus livros.

Evie Sage não era uma bela princesa.

De facto, esse papel seria tecnicamente delegado ao homem à sua frente. Ela esforçou-se para não se engasgar ao imaginá-lo a usar uma tiara.

— Larga-me — ordenou ela, movendo o pulso, tentando recuar, mas ele segurou-a com firmeza.

— Nem por sombras — disse ele de forma monocórdica. Depois soltou-a tão de repente, que ela quase se desequilibrou, conseguindo apenas amparar-se numa das estantes poeirentas.

— Assustaste-me — sussurrou ela como explicação, voltando a colocar a adaga no cinto. Aquele que tinha atado à cintura antes de sair sorrateiramente do quarto.

Não conseguia obrigar-se a voltar ao escritório, não com as memórias de Benedict a contaminarem o seu único refúgio restante. A forma casual como o rei tinha destruído o seu sentido de identidade.

O Trystan sempre esteve destinado a ser o verdadeiro príncipe da profecia. E você, minha querida, sempre esteve destinada a ser A Vilã.

A magia negra que outrora pertencera a Trystan movia-se e agitava-se agora sob a sua pele, subindo à superfície, pedindo desconfortavelmente para ser usada, para ser utilizada pela pessoa que deveria manejá-la desde o início. Redemoinhava em torno dos seus pés, brincando com os atacadores das suas pantufas, roçando a bainha da sua camisa de noite.

— Peço desculpa — murmurou ele, ajoelhando-se junto ao fogo na lareira. Mexeu nos troncos com o atiçador e as chamas dançaram no seu rosto. — Não te ouvi entrar.

— Não conseguia dormir mais e vi uma luz acesa — respondeu ela, caminhando em direção a ele e sentando-se na poltrona grande e almofadada, encolhendo os pés por baixo do corpo e abraçando as pernas contra o peito. — Qual é o propósito desta sala? Biblioteca ou escritório?

Ele não se virou para a encarar, mas ela observou a contração dos músculos do seu maxilar e o franzir do seu sobrolho enquanto se concentrava no ato de empurrar outro tronco.

— Ambos, suponho. Quando descobri a mansão, esta era uma das poucas divisões intocadas pelas areias do tempo. Apenas algum pó e detritos que foram facilmente limpos. Encontrei consolo aqui quando os meus pensamentos e a minha raiva se tornavam demasiado revoltosos.

O coração dela martelava no peito quando sussurrou a pergunta seguinte, odiando a vulnerabilidade nas suas palavras.

— Como é que nunca a vi?

Ele pousou o atiçador, com a mão a contrair-se ao lado do corpo enquanto se levantava, enfrentando-a finalmente. Ela desejou que ele não o tivesse feito. Os traços marcados do seu rosto deslumbrante eram devastadores de observar, com os olhos ávidos a captarem cada subtil mudança de emoção quando ele apontou para o resto da sala delimitada por cortinas.

— Esteve em obras nas últimas semanas. Os construtores mágicos acabaram há pouco os últimos detalhes.

Uma lembrança repentina afastou-a daquela sala e levou-a de volta a um dia de trabalho que não iria esquecer tão cedo. O tiquetaque. A correria. A bomba. Tinha atingido esta torre. Os livros que ela vira expostos pela parede a desmoronar-se.

Ela tinha atirado o explosivo precisamente para dentro do refúgio dele.

Nada ali valia alguma coisa, não como... Não era importante.

Ele tinha usado aquelas palavras para a tranquilizar quando ela chorou pelo estrago que tinha causado.

— Mentiste-me — acusou ela, levantando-se sem cerimónias e apontando um dedo ao peito dele, ignorando o seu olhar de aviso.

— Não menti — trovejou ele, parecendo irritado com a acusação; depois passou a mão pelo cabelo e dirigiu-se aos lençóis, arrancando-os para revelar a mobília recém-reparada e os livros em processo de restauro, após as páginas terem sido chamuscadas pelas chamas.

— Disseste que o que quer que estivesse aqui não era importante. — As lágrimas de raiva que lhe ardiam nos olhos eram indesejadas e enfurecedoras. A magia agitou-se, esperançosa com aquele lampejo de

emoção, mas usá-la era como segurar uma fita de seda. Escapava-lhe por entre os dedos no segundo em que lhe tocava. — Nunca disseste que eu tinha destruído, sem querer, o teu lugar seguro.

— *Não era* importante — argumentou ele, com os olhos sinceros a percorrerem o rosto dela. — Não quando a única alternativa era perder-te.

— Talvez esse tenha sido o teu erro. — Algo cru e feio estava a desenredar-se dentro dela, forçando medos e ansiedades irracionais a subir à superfície. — Talvez o destino estivesse a tentar corrigir o que foi feito e nós só tenhamos estado a adiar o inevitável. — Não foi a emoção na sua voz que a assustou; foi a falta dela. — Talvez O Vilão deva morrer, e o príncipe sobreviva para o seu final feliz.

Ele moveu-se tão depressa que Evie nem teve tempo de arquejar antes de ele lhe agarrar os dois braços, sacudindo-a ao de leve.

— Basta! Nunca mais digas isso! — A raiva era evidente no seu olhar. A fachada fria que ele exibia tão frequentemente tinha desaparecido, e o que restava era...

Inebriante.

Ele notou imediatamente a mudança nela e deslizou a mão pelo flanco do seu corpo enquanto se inclinava mais, com os olhos bem fechados. Seria a proximidade dela dolorosa? Não era uma suposição descabida. Eles eram inimigos predestinados, arquétipos opostos na mesma história.

Ela tinha nascido para lhe causar dor.

O príncipe valente, atormentado pela vilã maléfica.

Todas as vezes que o tinha incomodado, que lhe causara desconforto quando se aproximava demais. Seria a sua persistência inocente? Ou estaria ela a alimentar um impulso que estava entranhado na sua alma, um impulso de o magoar?

Pelos deuses, e se ela o magoasse mesmo? O pensamento fervilhava e picava, deixando feridas abertas no seu rasto.

Não podes ser feliz. Uma voz insidiosa, que se parecia demasiado com a sua, afirmou-o. Como se fosse um facto.

É por isso que toda a gente te deixa sempre para trás. É por isso que, por muito que te esforces por te manteres radiante e positiva, tudo acaba sempre por terminar. Vai sempre correr mal.

O ciclo dos seus pensamentos tornou-se insuportável.

Os lábios dela entreabriram-se e o peito começou a mover-se tão depressa quanto a sua respiração, enquanto o calor lhe latejava no sangue ao ver os olhos dele a baixarem até à sua boca, deixando-se ficar fixos, enquanto ele retomava o discurso.

— Eu sei que estás a sofrer. Sei que estás confusa. Mas, pelos deuses, não vais desvalorizar o sacrifício do Arthur, insinuando que devias ter morrido naquele dia... ou em qualquer outro.

A lembrança da morte de Arthur, do seu corpo agora a caminho da aldeia natal de Trystan, destruiu-a.

E Trystan assistiu com horror enquanto o rosto dela se desmoronava e ela caía de joelhos. A magia fervilhava em torno dela, ao mesmo tempo que os soluços pesados sacudiam todo o seu corpo.

— Desculpa. Não era isto que eu queria fa-fazer, e não sei como...

Antes que outra palavra pudesse ser dita, já ela estava nos seus braços, as mãos dele cingidas à parte de trás da cabeça dela enquanto ela soluçava contra o seu ombro, agarrando-lhe a camisa.

— *Eu* é que peço desculpa. — O ressoar do peito dele contra a bochecha dela fê-la suspirar, aninhando-se ainda mais nele. — Amor, olha para mim.

O termo carinhoso foi tão chocante que ela se afastou do seu abraço, olhando para ele com perplexidade.

— O que é que tu... Acabaste de me chamar *amor*?

— Acho que, de todas as revelações com que nos deparámos, essa deveria ser a menos chocante — respondeu ele secamente.

Ela pestanejou, sem palavras, e ele fechou os olhos com força, suspirando de exasperação. Quando finalmente os abriu, estavam cheios de um divertimento relutante.

— Quero mostrar-te uma coisa.

Sem aviso, Trystan agarrou-a pela cintura e fê-la virar-se. O toque foi apenas funcional, mas mesmo assim a pele dos braços dela arrepiou-se. Abraçando-se a si mesma, Evie seguiu-o para lá das mesas cobertas com panos até alcançarem uma pilha de livros gastos e cobertos de teias de aranha.

— Querias mostrar-me que precisas de comprar um espanador? — murmurou ela, erguendo as sobrancelhas até ao limite.

Ele lançou-lhe um olhar de falso desagrado antes de tirar um livro do topo da pilha e o pousar numa das mesas cobertas. Uma lanterna baça estava em cima dela, ajudando a pouca luz do sol nascente.

— Deixei de visitar esta sala pouco depois de começares a trabalhar aqui.

A mente dela trabalhava furiosamente para acompanhar o raciocínio.

— Por eu ter lançado uma bomba cá para dentro? — recordou-lhe ela, perguntando-se se, além de perder a magia, ele estaria também a perder a memória.

— Não, Sage. — Ele soltou uma gargalhada sombria, pegando na lanterna e dirigindo-se à porta. — Estou a dizer-te que muito antes de o estrago ter sido causado neste espaço, eu já tinha deixado de o visitar quando precisava de encontrar paz. — Ele empurrou a porta, com a mão pousada suavemente na maçaneta.

Ela abanou a cabeça.

— Não percebo. Então para onde é que ias quando querias sentir-te seguro?

— Ia ter contigo.



CAPÍTULO 2

LYSSA

Lyssa Sage era uma traidora.

Ou, pelo menos... estava prestes a sê-lo.

A mais nova dos irmãos Sage caminhou em bicos de pés em direção aos aposentos de cura de Tatianna e empurrou a porta devagar. Assim que a abriu por completo, de forma segura e silenciosa, esgueirou-se para dentro do espaço, passando pela curandeira, que dormia. A mulher expirou, com o rosto pressionado contra a palma da mão e o cotovelo apoiado na cama ao lado, aquela onde a mãe de Lyssa, Nura, dormia. Mas Lyssa não estava ali por causa da mãe.

— Menina Erring — sussurrou Lyssa, abanando o ombro da diretora de Recursos Humanos e Criaturas Mágicas até ela acordar sobressaltada, tão depressa que os óculos lhe voaram do topo da cabeça diretamente para as mãos de Lyssa.

— Bom dia — sussurrou Lyssa com um sorriso aberto. — Posso falar consigo lá fora?

A menina Erring resmungou, mas levantou-se da cama, seguindo Lyssa até estarem do outro lado da porta, agora fechada.

— Lyssa. Não deves andar por aí a passear sem um adulto até confirmarmos que a mansão está segura.

Lyssa perguntou-se a si mesma se o bom senso seria confiscado a uma pessoa quando esta atingia a idade adulta.

— Sim, menina Erring. Mas como é que eu posso pedir a um adulto para passear comigo a partir dos limites do meu quarto, se não houver nenhum adulto lá dentro comigo? — lembrou-lhe Lyssa com suavidade, recordando-se de que a mulher tinha acabado de acordar e que Evie costumava precisar de pelo menos trinta minutos de manhã antes de dizer algo coerente.

A menina Erring coçou a cabeça. O seu cabelo castanho e macio tinha-se soltado do carrapito severo, caindo um pouco abaixo dos ombros.

— Podias praticar a paciência e esperar que um de nós te fosse buscar. Como te foi dito para fazeres.

A boca de Lyssa torceu-se.

— Odeio esperar.

A menina Erring suspirou.

— Daí a necessidade de *praticares*.

Lyssa bateu com o dedo no queixo antes de cruzar as mãos atrás das costas.

— Muito bem. Da próxima vez que vir um homem estranho a passear pela mansão, vou simplesmente esperar pacientemente.

A menina Erring passou de ensonada e desalinhada a furiosa e em pânico tão rapidamente que Lyssa desejou não ter piscado os olhos.

— O quê? Um homem? Quem? Porque é que só me estás a dizer isso agora?

— Estava a praticar a paciência.

— Lyssa! — gemeu a menina Erring, parecendo agora muito alerta e irritada. — Conta-me tudo.

— Já lá ia!

A manhã de Lyssa tinha começado com o rodar suave de uma maçaneta e o ranger de dobradiças enferrujadas. Evie tinha-se revirado na cama a noite toda, e depois esgueirara-se para fora do quarto antes do amanhecer. Lyssa, logicamente, fingira estar a dormir, esperando que os passos se tornassem mais distantes antes de saltar da cama e voar em direção à porta.

Havia muitas perguntas que Lyssa sabia que não devia fazer, mas, infelizmente, era demasiado curiosa para não ter reparado na névoa negra que pairara sobre a irmã durante mais de metade da noite. Noutros tempos, aquilo talvez a tivesse assustado, mas Lyssa Sage

sabia bem que as coisas com aspeto mais assustador eram muitas vezes mais amigáveis se nos limitássemos a dizer olá.

A névoa tinha-lhe acenado de volta antes de puxar os lençóis até ao queixo de Lyssa. Sentira-se tentada a dar um toque a Evie para poderem rir juntas daquela atitude, mas a irmã tinha puxado os lençóis para cima da própria cabeça, escondendo-se ali até à sua fuga matinal.

Lyssa, justiça lhe seja feita, não a tinha seguido... pelo menos durante uns quinze minutos. Mas ela era uma contadora de histórias! E o seu tema estava a sair pela porta fora!

— Portanto, essencialmente, ignoraste tudo o que te dissemos ontem à noite sobre segurança? — repreendeu a menina Erring.

Lyssa assentiu com a cabeça, franzindo o sobrolho.

— Sim, acabei de dizer isso. Não está a ouvir?

— Tão bem quanto tu ouviste! — rosnou a menina Erring. — Lyssa, o homem estranho... onde é que ele entra na história?

— Ah, sim! — Ela deu um saltinho. — Vi a Clare a dirigir-se para o quarto dela com um homem embrulhado num manto preto e, não sei bem porquê, mas pareceram-me muito suspeitos.

A menina Erring arqueou uma sobrancelha.

— Esse homem não seria o irmão suspeito dela... O Vilão? Que costuma vestir-se apenas de preto?

— Não. — Lyssa franziu o sobrolho com indignação e depois inclinou a cabeça. — Menina Erring, sabe que as outras pessoas também têm autorização para vestir a cor preta, não sabe?

A menina Erring gemeu, apoiando a testa contra a parede mais próxima.

— Preciso de uma bebida do caldeirão e de um tónico para a dor.

— Acordou com dores de cabeça? — perguntou Lyssa com curiosidade.

— Acordei ao lado de uma — respondeu a menina Erring com a voz monocórdica.

Lyssa soltou uma gargalhada, deliciada. Era tão engraçado quando a menina Erring fazia piadas, sobretudo porque Lyssa nunca vira outro adulto fazê-lo de forma tão desajeitada.

— Tenho a certeza de que era apenas um guarda ou um estagiário ferido no ataque de ontem à noite. Mas, se estás assim tão preocupada, podemos ir ver como ela está.

Lyssa parou de rir, lembrando-se do medo que sentira quando a cabeça do homem, na penumbra do capuz do manto, se virara na sua direção.

— Podíamos, menina Erring? Agora? Não sei porquê, mas fiquei com a sensação de que havia algo de errado com ele.

— De errado com quem? — intrometeu-se Tatianna, limpando o sono dos olhos à porta agora escancarada dos aposentos da curandeira.

Lyssa olhou fixamente para a menina Erring com os olhos muito abertos, tentando fazer-lhe sinal para mentir.

A menina Erring acenou com a mão para Lyssa, não ligando ao sinal.

— Parece que a Clare foi vista com um homem suspeito.

Esqueçam. A traidora era a menina Erring.

Tatianna empalideceu.

— O quê? Ela está bem?

A menina Erring ergueu as mãos em sinal de derrota.

— Vamos resolver isto já, pode ser?

Todavia, quando chegaram ao quarto, encontraram Clare do lado de fora da porta aberta, com um ar transtornado.

— Clare? — perguntou Tatianna com ternura, deslizando pelo chão e tomando a mão da antiga noiva entre as suas. — O que posso fazer por ti, querida?

Clare pareceu despertar de um transe com aquele termo carinhoso e, de olhos arregalados, libertou a sua mão da de Tatianna.

Lyssa teve de se conter para não vaiar.

— Estou bem — disse Clare com a voz trémula. — Apenas um pouco perturbada. Preciso de tratar dos preparativos para o funeral do meu pai no mar e avisar o Malcolm. É tudo demasiado avassalador.

— Tens a certeza de que não há nenhum homem estranho, de manto, a manter-te refém no teu quarto? — perguntou a menina Erring sem rodeios, e Lyssa tapou imediatamente a boca com a mão.

Os olhos de Clare adquiriram um ar selvagem, mas apenas por momentos, antes de a sua expressão se fechar completamente, com toda a emoção a desaparecer diante dos olhos delas.

— Não... porque haveriam de pensar uma coisa dessas? — perguntou com a voz impassível.

Tatianna e a menina Erring lançaram a Lyssa um olhar tão penetrante que ela se surpreendeu por aquilo não lhe ter ferido a pele.

— Depois de todas as pessoas que têm entrado e saído de um lugar que devia ser impossível de invadir, vou ser castigada por ser cautelosa? — perguntou Lyssa, pestanejando inocentemente para as duas mulheres.

Elas suspiraram de modo audível. O que significava que Lyssa as tinha vencido pelo cansaço. Um talento especial, bem aperfeiçoado à custa de o praticar na sua irmã mais velha quase desde o nascimento.

— A Lyssa tem razão — disse Clare, com o olhar perdido na distância.

— Eu sei — disse Lyssa sucintamente, unindo as mãos à frente do corpo.

— A cautela é uma virtude. — Os lábios de Clare esboçaram um sorriso, mas voltaram a fechar-se quando os seus olhos se desviaram para as costas delas. — Eu tenho, hum, muito que fazer. Os funerais dos curandeiros centrais são um pouco mais complexos por natureza do que os de uma pessoa comum. Eu... tenho de ir! — exclamou Clare, afastando-se pelo corredor e dobrando a esquina numa passada rápida.

Tatianna tentou travar a mulher, mas em vão. Clare já tinha ido, deixando Lyssa com uma sensação estranha na nuca, uma sensação desagradável, como se alguém as tivesse estado a observar.

— Vamos, Lyssa. Vamos ver como está a tua mãe — sugeriu a menina Erring, fazendo menção de voltar para as escadas, com Tatianna a segui-la.

Era o melhor. Lyssa adorava uma boa história, mas esta estava a desviar-se demasiado para território assustador e, apesar do seu interesse por vilanias, esse não era o seu género. Pelo menos, não por enquanto. Mas antes de seguir no encalço da diretora de Recursos Humanos e Criaturas Mágicas, vislumbrou algo branco pelo canto do olho, o que a fez parar.

Espreitando na direção do objeto, Lyssa avistou um pedaço de pano branco descartado. Olhou de um lado para o outro e depois correu a apanhá-lo.

Um lenço. Com duas palavras gatafunhadas.

Sou eu.

Lyssa conhecia aquela caligrafia.

Um novo conjunto de passos ecoou ao fundo do corredor, sobressaltando-a o suficiente para dar um salto. Tentou tranquilizar-se usando a lógica. Provavelmente era apenas Clare a voltar para os seus aposentos, e aquele arrepio gélido que lhe subia pelos braços em direção ao pescoço era do ar matinal que entrava pela janela. A imaginação levava-a muitas vezes a lugares extravagantes, e este era apenas mais um para o repertório.

Enfiando o lenço no bolso da saia, Lyssa sentiu novamente que estava a ser observada, o que a forçou a perguntar-se... se algumas histórias não teriam mesmo de se tornar reais.

Mesmo as assustadoras.



CAPÍTULO 3

TRYSTAN

Era a hora do chá da tarde, e Trystan Maverine estava a gritar... contra uma almofada.

Ou, na verdade, achava que era mais um rugido. Era difícil ter a certeza, com o som abafado nos seus ouvidos. Atirou a almofada de volta para a cama.

— Sente-se melhor? — perguntou Lyssa Sage, inclinando ligeiramente a cabeça, e a sua expressão ampla e curiosa encontrou a de Trystan. — Ajudou?

— Oh, sim. Sensacional — respondeu ele com ar impassível. Não ajudava em nada o facto de a almofada que tinha agarrado ser a de Sage, e de o perfume a rosas do cabelo dela lhe bombardear os sentidos. Felizmente, não era possível inspirar e gritar ao mesmo tempo, mas a almofada continuava ali pousada na cama, a provocá-lo.

Não a vou cheirar.

A pequena vilã arrancou-o do seu debate interno ao soltar um bufo para dentro da chávena de chá, com os olhos cheios de traquinice. Lyssa era uma distração bem-vinda depois de ele ter escapado do escritório como se tivesse a morte no encalço.

Ia ter contigo.

Tinha revelado demasiado. Pressionado depressa demais. Precisava de ser paciente, de mostrar a Evie, de maneira inequívoca, que ela era o seu verdadeiro amor. Que mereciam o seu «felizes para sempre»... juntos.

Entretanto, seria uma presença constante. Um confidente. Um amigo.

Sim. Eu podia ser amigo dela.

Ou podia serrar o meu próprio pé.

— Achei que um chá da tarde seria agradável hoje. Parecia tão triste sentado no seu gabinete. — Os grandes olhos castanhos de Lyssa fixaram-se na chávena de chá, com a apreensão bem vincada no franzir do seu sobrolho. — Desculpe se piorei as coisas.

A onda de determinação que ele estava a sentir exigia a sua atenção, mas nada disso se assemelhava à culpa de ver Lyssa Sage de sobrolho franzido. Baixando-se junto à minúscula mesa de chá no meio dos aposentos das irmãs Sage, Trystan adoçou a voz e forçou um sorriso.

— A tua presença no meu mundo traz sempre melhorias, pequena vilã.

Lyssa esboçou um sorriso radiante e depois virou-se, batendo com o dedo no queixo em contemplação, com a boca numa linha determinada enquanto agarrava num biscoito de açúcar do tabuleiro e lho entregava. Ao saboreá-lo, não escapou a Trystan o toque de água de rosas na receita.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, então, Lorde Trystan? — perguntou ela.

Trystan sentou-se na outra cadeira minúscula em frente a ela, sentindo-a ranger sob o seu peso enquanto se reclinava.

— Podes perguntar-me o que quiseres.

— Vai casar com a minha irmã?

A cadeira partiu-se.

E Trystan deu por si estendido de costas no chão, a respirar com dificuldade no exato momento em que a porta se abriu e Blade entrou com um ar despreocupado. A maçã que trazia na mão estacou a meio caminho da boca quando avistou Trystan no chão, e os seus lábios esticaram-se num sorriso lento.

— O que está aí a fazer em baixo, companheiro? — Blade inclinou a cabeça, sorrindo de uma forma amigável que fez Trystan ter vontade de lhe tirar a maçã e espancá-lo até à morte com ela.

Lyssa não ficou calada como Trystan esperava — como *sabia* perfeitamente que ela não ficaria.

— Só perguntei ao Lorde Trystan se ia casar com a Evie.

Blade pareceu deliciado demais com a revelação, pousando as mãos na cintura com um sorriso divertido.

— E então... começou a partir mobília?

Ainda deitado no chão, Trystan apontou um dedo em direção à porta.

— Fora. Este chá é só para convidados.

O sorriso de Blade transformou-se numa expressão séria e apreensiva.

— Eu ia, mas infelizmente trago más notícias.

O quarto ficou estático perante aquela declaração. O ar foi abandonando os pulmões de Trystan enquanto ele se punha de pé, com os olhos a desviarem-se num relance para Lyssa, que também parecia receosa perante a promessa de mais uma onda de turbulência. A morte de Arthur ainda lhe provocava uma vaga amarga de raiva no estômago, e o seu coração apertou-se ao lembrar-se das últimas palavras que o pai lhe dirigira.

Uma vida sem amor é uma vida vazia, Trystan. Podes viver os teus anos sem mim, mas não sem ela.

Não seria em vão o sacrifício feito pelo homem que, embora não o tivesse gerado, tinha-o criado.

Armando-se de coragem, Trystan avançou, sentindo-se mais em paz com o seu novo propósito.

— São notícias adequadas para ouvidos jovens?

Lyssa acenou com a mão, já a meio caminho da porta.

— Já vou. Se eu não ouvir as más notícias, posso fingir que não estão a acontecer. — Com um saltinho leve, acenou com os dedos, mas mesmo antes de fechar a porta com um clique, acrescentou: — Volto a fazer-lhe a pergunta mais tarde, Lorde Trystan. — E depois desapareceu.

Blade abanou a cabeça, sorrindo.

— Aquela miúda é esperta.

— As más notícias? — instou Trystan, sentindo-se exausto. — Não conseguiste encontrá-lo, pois não?

Não era preciso especificar de quem estava a falar. Ambos sabiam perfeitamente.

Blade fechou os olhos por momentos e soltou um suspiro, sentando-se depois na outra cadeira minúscula. Parecia quase comicamente enorme ali encolhido, mas era difícil rir quando Trystan tinha perdido não apenas o pai, mas também o seu amigo mais querido.

— Procurei em todos os charcos num raio de cinco quilómetros. Nem sinal dele. — Blade esfregou as têmporas. — Será que ainda está na mansão?

— Procurei em todos os sítios onde ele costuma estar. — Trystan suspirou, passando a mão pela barba por fazer no queixo. — Sem sorte. Deuses, e se ele estiver...

— Não. — Blade abanou a cabeça vigorosamente. — Não, eu verifiquei o perímetro até onde um sapo do tamanho dele conseguiria deslocar-se. Apostava todos os meus coletes em como ele ainda está algures aqui na mansão.

— Estás a tentar incentivar-me a *não* o encontrar? — murmurou Trystan secamente, cruzando os braços sobre o peito e fixando o olhar na indumentária de Blade, de um amarelo tão berrante que distraía qualquer um.

Blade sorriu de orelha a orelha, abrindo os braços.

— Ao menos sou sempre fácil de detetar.

— Ao contrário de um sapo verde. Numa floresta verde. — Trystan esfregou a cana do nariz, sentindo-se mil vezes mais velho do que os seus 29 anos.

— A floresta está lentamente a perder a cor devido ao desvanecimento da magia, se isso lhe servir de consolo — ofereceu Blade, enquanto dava uma grande dentada num biscoito em forma de lírio.

Trystan limitou-se a lançar-lhe um olhar fulminante. Depois, tomou uma decisão silenciosa enquanto Blade dava outra dentada no biscoito.

— Eu e a Evie fizemos sexo.

O treinador de dragões inclinou-se para a frente com tanto ímpeto que o pedaço de biscoito lhe caiu da língua; ficou boquiaberto, com os olhos tão arregalados que Trystan se perguntou se não lhe iam saltar da cabeça.

— O senhor... o senhor... o senhor e a Evie... Quero dizer, vocês os dois realmente...

— Fornicámos — rematou Trystan por ele, envergonhado por se sentir um tanto inseguro com a sua própria confissão. Que diabo estava ele a fazer?

— NÃO DIGA FORNICÁMOS! — As mãos de Blade voaram para as orelhas, e ele parecia pronto a esmurrar a palavra, se tal fosse preciso. — Estou a ter demasiados pensamentos ao mesmo tempo. A minha cabeça vai rebentar.

— Verbaliza um deles, homem! — berrou Trystan, agora com mais do que uma ponta de vulnerabilidade, um sentimento que queria esmagar como se fosse um inseto.

Blade passou os dedos pelo cabelo e depois apoiou as mãos nos joelhos, a gaguejar e sem fôlego.

— Onde? Quando?

— Num celeiro — respondeu Trystan de imediato, sem pressa, mas sem necessidade de andar com rodeios. Consultou o seu relógio de bolso. — Há trinta e cinco horas.

O sorriso de Blade indicou a Trystan que tinha falado demais e que estava prestes a ser castigado por isso.

— Está a contar as *horas*?

— É mais fácil contar o tempo em horas — protestou Trystan, indignado.

Blade escarneceu e riu-se, batendo as palmas das mãos uma na outra, radiante.

— Num celeiro? — perguntou ele. — Nunca vos imaginei num celeiro.

— Não nos imagines em *lado nenhum* — sibilou Trystan, sentindo a sua própria cabeça prestes a estourar.

De olhos arregalados, Blade esfregou as bochechas como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo.

— Tem mil almofadas na sua cama e levou a pobre mulher para um celeiro? — O treinador de dragões proferiu isto agitando os braços de uma forma que Fofinho, o dragão, consideraria impressionante.

— Era o que estava disponível — protestou Trystan, e, àquela altura, ele teria aceitado qualquer coisa que estivesse disponível. Uma cadeira, uma parede, uma masmorra...

Ah! Intrigante.

Embora fosse perfeitamente possível que estes lugares só parecessem assim porque ele estaria com ela. Nunca antes importara. O sexo servia para uma libertação física, para que ele pudesse continuar o seu trabalho maligno sem o estorvo de necessidades básicas, mas com Evie era diferente.

Com ela, ele tinha perdido o controlo. E agora as suas necessidades básicas andavam todas desorientadas.

Já não era uma libertação, mas sim uma explosão. Uma parte selvagem e adormecida dele que ganhava vida com a mera menção do nome dela. Um vinho cujo sabor não conseguia esquecer, uma tempestade à qual nunca conseguiria resistir. Ela estava a eclipsar tudo o que ele julgava compreender e a moldá-lo com os seus dedos encantadores em algo novo, até *ele* próprio ser *alguém* novo.

Alguém melhor.

Ou pior.

Não importava particularmente, desde que ela fosse sua.

Houve um momento de pausa. Um silêncio confortável e belo.

Até que Blade o arruinou... ao falar.

— Então vocês os dois... Foi... Hum. — Blade coçou a nuca. — Sobre o que é que tenho autorização para perguntar sem que me corte a cabeça?

— Sobre o tempo.

Blade ergueu os braços e deixou-se cair da cadeira minúscula para o chão.

— Então porque é que me contou?

Trystan não sabia porquê. Tudo o que sabia era que a sua vida tinha sido lançada novamente num turbilhão, a mulher que consumia cada um dos seus pensamentos fora talhada pelo destino para ser sua inimiga, e a magia com que tinha vivido durante anos a fio já não estava com ele.

A parte mais surpreendente?

Não sentia a falta dela, talvez porque, para começar, nunca tivesse sido verdadeiramente sua.

— Porque estás aqui, presumo — justificou Trystan, alisando a camisa, garantindo que nem um só milímetro seu estava fora do sítio. Quando não se podia controlar o fim da vida tal como a conhecíamos, podia-se, pelo menos, controlar se a camisa estava amarrotada. Para ele, as duas coisas eram, escusado será dizer, sinónimas.

— Lisonjeiro, mas acho que é mesmo porque sou o seu único amigo — gracejou Blade, mas logo a seguir veio a lembrança, e a sua expressão tornou-se séria.

O outro amigo deles. Aquele cuja ausência se fazia notar. Um nó formou-se na garganta de Trystan.

— Então, vocês os dois estão finalmente juntos? — perguntou Blade, parecendo preparadíssimo para se esquivar de um soco, se fosse necessário.

Foi por isso que ele respondeu à pergunta com honestidade.

— Não.

A cabeça de Blade caiu-lhe nas mãos.

— Claro que não. Isso faria demasiado sentido. Juro por todos os deuses que vocês os dois devem retirar algum tipo de prazer doentio da infelicidade.

— Isso não é verdade — objetou Trystan, indignado, pondo-se de pé. — A Sage está a adaptar-se a uma mudança radical no seu mundo e em tudo o que julgava conhecer. Não a vou pressionar para satisfazer os meus desejos egoístas. — Ele pontuou esta declaração dando um empurrão no ombro de Blade, dirigindo-se à porta a passo descontraído e saindo para o corredor iluminado pelo sol, com Blade no seu encalço, parecendo preparado para morrer.

— Tem noção de que por cada má decisão que vocês os dois tomam, somos todos nós que sofremos? — murmurou Blade entre dentes, mas Trystan ignorou-o até chegarem às portas dos seus próprios aposentos... que estavam entreabertas.

Um arrepio percorreu-lhe a nuca, e os seus temores confirmaram-se quando empurrou a porta de rompante e encontrou o quarto completamente revirado.

Ao seu lado, Blade assobiou.

— Já considerou uma bola anti-stress em vez de um ataque de fúria destrutivo? Isto não é justo para a equipa de limpeza.

— Isto não fui eu — afirmou Trystan, sem qualquer emoção. — Alguém andava à procura de algo.

O lume estalava na lareira, que não estava a arder quando ele deixara os aposentos. Porque haveria alguém de saquear o seu quarto para, em troca, lhe deixar uma lareira confortável a crepitar? No entanto,

à medida que se aproximava, Trystan percebeu com um aperto no estômago que todas as gavetas da sua secretária tinham sido abertas; papéis e objetos tinham sido atirados para o chão ou tinham desaparecido. E pedaços de papel cobertos de cinza, a desfazerem-se nas chamas, eram tudo o que restava. Das páginas que tinham conseguido roubar do livro de histórias de Rennedawn. Desaparecidas.

Trystan cerrou os punhos, com a raiva a correr-lhe pelas veias, porque agora uma de duas coisas tinha de ser verdade. Ou Marv tinha encontrado uma forma de escapar da masmorra...

Ou ele não tinha sido, de todo, o único traidor.

Trystan dirigiu-se a passos largos para a porta, parando apenas quando foi atingido por outra coisa. Algo que lhe causou arrepios na espinha.

Virou-se lentamente e percebeu que faltava mais uma coisa no quarto.

Uma coisa que tinha colocado na cama do sapo para ficar em segurança.

A coroa de Kingsley.

Semicerrando os olhos, correu para a porta, ouvindo Blade chamar por ele lá de trás:

— Onde vai?

— Às masmorras — rosnou Trystan.

Onde os traidores se escondiam na escuridão.



CAPÍTULO 4

KINGSLEY

Finalmente.

ATUALIZAÇÃO DOS RH:

A vaga para «adversária do vilão» já foi preenchida. Evie Sage não se recorda de ter concorrido.

Evie Sage sempre tentou ser prestável, leal e apenas ligeiramente envolvida em conspirações. No entanto, com uma perigosa maldição a ameaçar a magia de Rennedawn e com a necessidade de encontrar todos os elementos requeridos para o cumprimento da profecia antes que o rei Benedict o faça, o seu percurso profissional parece-se agora mais com um sério problema do que com uma carreira.

Não só a profecia continua a apontar na direção de Evie, como a magia do Vilão teima em escolhê-la. E, na verdade, se uma pessoa vai ser acusada de vilania, mais vale cometer efetivamente alguns atos vis.

Quanto mais Evie entra na sua era de vilã, mais o seu patrão age como o herói de uma história inteiramente diferente. Trystan aproxima-se cada vez mais dela — muito mais do que seria sensato, aconselhável ou remotamente profissional — e olha para Evie como se ela já tivesse escolhido um lado. O dele.

O que é muito inconveniente, porque, se Evie não consegue salvar a magia do reino, mais vale tornar-se a sua maior ameaça.



Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
topseller_editora
topseller.ed
penguinlivros
ISBN: 978-989-596-325-6